

Prefeitura da Estância Turística de Ribeirão Pires
Centro de Apoio Técnico ao Patrimônio (CATP)

Marcílio de Castro Duarte

UMA FAMÍLIA, UM MOINHO E UMA CIDADE

Notas sobre o Moinho de Trigo Fratelli Maciotta em Ribeirão Pires.

RESUMO

DUARTE, M. C. **Uma família, um moinho e uma cidade: notas sobre o Moinho de Trigo Fratelli Maciotta em Ribeirão Pires**. 2016. 14 f. Artigo apresentado para os Cadernos de Estudo do Centro de Apoio Técnico ao Patrimônio (CATP) – Prefeitura da Estância Turística de Ribeirão Pires, 2016.

Este artigo apresenta, em virtude da admissibilidade dos estudos de tombamento pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat), um breve histórico sobre a família Maciotta, originária da região norte da Itália, cuja maior contribuição à economia e cultura brasileira foi a construção daquela que pode ser considerada uma das primeiras, ou até mesmo a primeira unidade fabril de moagem de trigo baseada na tecnologia de mós cilíndricas no Estado de São Paulo. Inaugurado em 1898 pelos irmãos Federico, Ottavio e Anacleto Maciotta, o antigo moinho representa para a região do Grande ABC Paulista, um dos testemunhos da primeira industrialização do Estado de São Paulo e do Brasil e se encontra praticamente preservado, compondo por mais de um século a paisagem urbana do Município de Ribeirão Pires.

Palavras-chave: Patrimônio cultural, Cultura, Industrialização, Imigração, Ribeirão Pires.

ABSTRACT

DUARTE, M. C. A family, a mill and a city: notes on the Moinho de Trigo Fratelli Maciotta in Ribeirão Pires. 2016. 14 pages. Paper presented for the Study Notes of Centro de Apoio Técnico ao Patrimônio (Center for Technical Support Heritage) – Municipality of the tourist city of Ribeirão Pires, 2016.

This article presents, due to the admissibility of overturning studies at the Heritage Defense Council, Archaeological, Artistic and Tourism of the State of São Paulo (Condephaat), a brief history of the Maciotta family, originally from northern Italy, whose greater contribution to the economy and Brazilian culture was the construction of what could be considered one of first, or even the first plant of wheat milling based on cylindrical grinding wheels of technology in the State of São Paulo. Opened in 1898 by the brothers Federico, Ottavio and Anacleto Maciotta, the old mill is in the region of Grande ABC Paulista, one of the witnesses of the first industrialization of the State of São Paulo and Brazil and is practically preserved, making for more than a century, part of the urban landscape in Ribeirão Pires.

Keywords: cultural heritage, culture, industrialization, immigration, Ribeirão Pires.

RESUMEN

DUARTE, M. C. **Una familia, un molino y una ciudad: notas sobre el trigo Molino Fratelli Maciotta en Ribeirão Pires. 2016. 14 f.** Documento presentado para las Notas de Estudio de Centro de Soporte Técnico de Patrimonio (CATP) – Ciudad turística de Ribeirão Pires, 2016.

Este artículo presenta, debido a la admisibilidad de los estudios de vuelco en el Consejo de Defensa del patrimonio, arqueológico, artístico y Turismo del Estado de San Pablo (Condephaat), una breve historia de la familia Maciotta, originario del norte de Italia, cuya una mayor contribución a la economía y la cultura brasileña fue la construcción de lo que podría considerarse uno de los primeros, o incluso la primera planta de molienda de trigo sobre la base de muelas cilíndricas de la tecnología en el Estado de Sao Paulo. Inaugurado en 1898 por los hermanos Federico, Ottavio Anacleto Maciotta, el antiguo molino se encuentra en la región del Gran ABC Paulista, uno de los testigos de la primera industrialización del Estado de Sao Paulo y Brasil y está prácticamente conserva, por lo que desde hace más de un siglo urbano en Ribeirão Pires paisaje.

Palabras clave: patrimonio cultural, la cultura, la industrialización, la inmigración, Ribeirão Pires.

Origens

Tudo começou na Idade Média, quando um homem conhecido apenas como *Maciotta*, filho de Manfred Alagona, um senhor feudal siciliano, se rebelou no final do século 1330 contra o Rei Martino (1372-1409), na região da Sicília, mais precisamente a norte, onde é banhado pelo Rio Crimiso, chamado pelos italianos de “Fiumefreddo” (o Rio Frio). Foi a partir desse ato de desobediência ao rei que o Sr. Maciotta, ligado à terra, adquiriu e ampliou seus direitos feudais privados, tornando-se influente. No mesmo período, um tal de Maciotto Montaperto, um outro senhor feudal, surge na comuna de Troina, província de Enna, também região da Sicília, só que mais ao centro. Assim, a origem dos Maciotta fica entre Maciotta e Maciotto, não se sabendo precisar quem deu o disparo da ampulheta. Acredita-se que Maciotta seja uma variação de Maccius, mas isso é apenas conjectura. Não se sabe por qual razão saíram do extremo sul da Itália para o norte, na província de Piacenza, região de Emília-Romanha. Foi lá que se assentaram definitivamente e se multiplicaram, dando origem a inúmeros descendentes.

O ramo dos Maciotta que veio ao Brasil é da comuna de Quittengo, um pequeno município da província de Biella, que fica na região do Piemonte, ao lado da de Emília-Romanha. Não por acaso, Biella tem esse nome – é lugar de extrema beleza e está situada na encosta dos alpes conhecidos como *Alpi Billiesi*. No século XIX, experimentou períodos de ebulição industrial, tornando-se conhecida por suas indústrias têxteis. Até hoje, veem-se preservadas suas construções fabris oitocentistas e suas chaminés de tijolo, coexistindo harmonicamente com a natureza e edificações contemporâneas. Neste lugar, nasceram e cresceram Federico, Anacleto e Ottavio, filhos de Cipriano Maciotta. Sua inclinação industrial logo seria despertada, quando por volta dos 30 anos, decidiram abrir uma firma comercial batizada de Fratelli Maciotta e C. De que forma tiveram conhecimento da política imigrantista de Dom Pedro II, ainda é um mistério. Do mesmo modo, por que razão desembarcaram em São Paulo, em 1895, não como imigrantes comuns, mas como industriários, é pouco conhecido.

Talvez o contexto histórico aclare um pouco as motivações. Para isso, é necessário examinar brevemente a Itália daquele tempo. Vivia-se os efeitos da recente unificação da Província da Itália após a libertação do domínio do Império austro-húngaro sobre alguns reinos independentes. Antes, porém, em 1850, o Reino de Sardenha – atual Piemonte, local de origem dos irmãos Maciotta, conclamou a unificação, com o apoio da França de Napoleão. Para o sociólogo Octavio Ianni, trata-se de uma região formada por uma burguesia industrial política e economicamente influente, que via na unificação do país muito mais que a criação simbólica e cultural de um Estado-Nação, mas, sim, o aumento de sua participação no mercado interno, trazendo a reboque a unificação do comércio, a moeda e a arrecadação de tributos. Com isso,

também controlariam politicamente todo o Reino da Itália. O objetivo principal era deslocar o eixo econômico do Reino das Duas Sicílias, que incluía Nápoles, ao sul da Itália, para o norte, criando assim um novo polo industrial formado por Milão, Piemonte e eventualmente Veneza. Ocorre que o sul da Itália ficou estagnado e relegado a uma estrutura latifundiária e feudal, enquanto o norte se modernizou com a industrialização. Havia então, de um lado, o camponês apegado à terra, sua razão de existência, e, do outro, o operário urbano de chão de fábrica, obrigado a vender sua força de trabalho. Para Ianni, esse excedente populacional, que formava um exército industrial de reserva, transformou-se rapidamente em algo negociável, tornando-se, num certo nível, uma mercadoria. O norte industrial não os queria por lá, pois desejava apenas que consumissem, pagassem seus impostos e ficassem em seus lugares sem incomodar o *establishment* capitalista. Surge então um dilema: o que fazer com uma Itália recém unificada, cujos extremos se rebatem, tendo ao sul o prenúncio de conflitos em decorrência do latifúndio? Ora, se o problema no sul era a falta de terra para os pequenos camponeses e no norte os operários desempregados, a solução mais rápida seria negociá-los como imigrantes para evitar explosão das tensões sociais. A fome era extrema nos centros urbanos e a miséria grassava pelos campos. Para onde enviá-los? A América em geral, especialmente Argentina, Brasil, Estados Unidos e Uruguai, despontava como um continente próspero e com todas as condições de receber o fluxo migratório: muitas terras e uma indústria incipiente. Claro, como era conveniente para a Itália, houve subvenções estatais para facilitar o processo.

Nesse contexto da 2ª Revolução Industrial em que o capitalismo na Europa se expande e passa por um novo amoldamento, a industrialização na Itália compele as forças de trabalho ociosas, como mercadoria, para fora do país. No Brasil, a situação era particularmente favorável para receber esse contingente de 1,5 milhão de imigrantes, já que os desígnios da política imigrantista do Governo Imperial continuavam firmes sob a República da Espada e seu dístico ideológico da ordem e do progresso. Sobre este período, Alencastro e Renaux afirmam que “preocupados com o mapa social e cultural do país, a burocracia imperial e a intelectualidade tentavam fazer da imigração um instrumento de ‘civilização’, a qual, na época, referia-se ao embranquecimento do país por meio de uma colonização dirigida”. Mais do que “angariar proletários, os grandes proprietários do comércio e fazendeiros desejavam também substituir nas fazendas os escravos mortos, fugidos e soltos”. Dado o perfil do italiano (católico e branco), ele foi escolhido como o ideal. Basta ver que no sul do país, a imigração teve como escopo o povoamento; já na província de São Paulo, o italiano pobre e camponês, desembarcou como mão-de-obra qualificada, ainda que, particularmente, buscase a prosperidade patenteadada pela propaganda oficial: tornar-se um grande proprietário de terras e agricultor. Não foi exatamente o que aconteceu. Muitos dos imigrantes que enfrentaram penosas viagens de navio, se depararam

com outra realidade. A urgência da política imigrantista os obrigou a trabalharem em terras de má qualidade, porém com metas extremamente rígidas, de modo que muitos não conseguiam entregar o prometido para o governo. Endividados e com medo de perder a moradia subvencionada nos núcleos coloniais, sujeitavam-se a trabalhos degradantes e de semiescravidão. Aqui em Ribeirão Pires, muitos tiveram de abrir ruas, carregar blocos e bater pedras nos canteiros para se manterem – situação que fará eclodir em fins de 1915 a primeira greve operária do Brasil. Portanto, ainda que alguns prosperassem, houve muito sofrimento, depressão, desintegração de famílias, solidão, alcoolismo e perdas de todo tipo. Paralelo a isso, houve um fluxo mais bem-sucedido (muito celebrado pelas telenovelas históricas e colonistas laudatórios), representado por uma minoria de imigrantes industriais capitalistas, pioneiros, que possuíam recursos para as suas empreitadas. É o caso dos Matarazzo, Pinotti, Mortari, entre outros que deram o toque de partida da industrialização paulista. Incluem-se neste grupo os Maciotta, pois o empreendimento deles, embora tenha durado pouco, está à altura dos demais e é representativo desse espírito do tempo. Hoje, inclusive, está sob análise do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Paisagístico – o Condephaat.

A Fratelli Maciotta

Em janeiro de 1891, Federico, Anacleto e Ottavio lavram em Gênova, a firma comercial Fratelli Maciotta e C. com uma escritura bastante simples que reproduzimos em seu texto original:

Colla presente privata scrittura, tra i Signori Macciotta Federico, Macciotta Anacleto e Maciotta Ottavio, fratelli, e figli tutti del fu Cipriano, si conviene e si stipula quanto segue: 1°. É costituita una Società con capital ilimitado fra, i detti fratelli Federico, Anacleto col Ottavio; 2°. La Società ha per iscopo di adire agli appolti na pubblici he privati per qualsiasi genere di costruzione e per imprese qualsiasi; 3°. I lavori faranno presi in testa al Federico Maciotta il quale avra la Direzione Generale dei lavori e mandato di prima fiducia per o qui atto amministrativo; 4°. Lui guadagni netti fara prelevada una quota del dieci per cento (10p %) a favore del Federico Maciotta perla sua qualità di Direttore. Le rimanenti novanta parti su cento fara no divise per un terzo per alguna delle parti; 5°. La Società avra la durata di diciotto mesi (1) a partire dalla data d'oggi, anche pei lavori gia appaltati. Resta pero intero che essa Società sarà duratura per quei lavori che fossero stati appaltati durante tutto periodo di diciotto mesi (2) e fino al compimento dei lavori stessi; 6°. Resta intero che saranno contabilizzate anche le sfuse sopportate da Federico e da Ottavio per agli appalti anteriori; Fatta in tre originali e ritirato uno per ognuna delle parti le quali pienamente d'accordo si sottoscrivon. Genova, 1 Gennaio 1891. (1) anzi dicesi tredici mesi invece di diciotto mesi. (2) tredici mesi invece di diciotto mesi. Siapprovano le due postille (1) - (2) e nuovamente le parti pienamente d'accordo si sottoscrivono.

Basicamente, a firma estipulava a finalidade da Fratelli Maciotta e a função de Federico como Diretor Geral, cujo capital é estabelecido em 10%. Em 1895 desembarcam em São Paulo, fixando residência na Rua Conselheiro Furtado, no número 12 (residência atualmente demolida). Federico emprega-se como servidor público do Estado. Após este curto período, empregado como desenhista de 2ª classe da comissão de saneamento do Estado de São Paulo, desliga-se do cargo, passando a atuar como profissional liberal. De início, oferecendo serviços como perito agrimensor. Fluente em inglês, francês e italiano, presta-se a fazer, além de medição de terra, estudos orçamentários, construções e liquidações de obras, atuando também como vendedor de casas, máquinas e materiais para construção. Apesar da distância, atendia a chamados para o interior de São Paulo.

Ao que indica, parece que Federico estava ganhando tempo para colocar em prática o empreendimento do moinho. Arrojadados, os Maciotta eram investidores que se sentiam bem arriscando suas economias e encaravam isso com normalidade. Foi assim que decidiram, em 1897, alterar o contrato social, transferindo a sede da firma para a capital de São Paulo. Com recursos próprios, negociam a área. Em seguida, projetam um moinho; o edificam; compram o maquinário e o colocam em funcionamento; contratam funcionários e administram o negócio. Nisso tudo, há uma lição deixada pelos Maciotta :eram capitalistas autênticos; abraçavam os preceitos do mercado cumprindo a máxima liberal do *laissez-faire* – dependiam de si mesmos, pagavam seus impostos, acreditavam no potencial de sua indústria e, mesmo na falência, arcaram com tudo sozinhos. Evidentemente, tudo em família, como na tradição italiana. Essa ousadia de sair do norte da Itália para instalar um moinho em Ribeirão Pires, em um contexto de capitalismo industrial incipiente no Brasil, colocando em jogo suas economias e não obtendo nenhum incentivo das autoridades e governos - lembremos das inúmeras vantagens concedidas pelo Império à The São Paulo Railway & Co. - sem dúvida, coloca os Maciotta na galeria dos desbravadores da indústria paulista.

No Brasil, Federico mantinha-se à frente da Direção Geral, com 10% do capital. Era o responsável pela administração, correspondências, contabilidade e caixa do moinho; Enrico Rimorino assumia a função de encarregado da guarda técnica e os demais sócios, encarregavam-se de outras tarefas relacionadas ao negócio. Em 09 de outubro de 1900, a firma é oficialmente transferida e registrada com sede na praça de Ribeirão Pires, à Rua 15 de Novembro (atual Av. Santo André), instalando de modo definitivo o *Molino di Semole Fratelli Maciotta e C.*, comercialmente chamado de “Moinho de Ribeirão Pires”.

No meio da paisagem, um moinho

A Ribeirão Pires do final do século XIX era um espantoso sítio de terras devolutas. Posseiros faziam pequenos beneficiamentos para justificar o latifúndio e ludibriar o Governo Imperial, já preocupado com o desrespeito à Lei de Terras (1850), mas muito inábil na aplicação da norma e fiscalização dos posseiros. O caso mais obscuro é o das terras de Claudino Pinto de Oliveira, que oficialmente vivia do ordenado proveniente de seu cargo de capitão, mas era proprietário de nada menos que 900 hectares de terra. E no meio desta paisagem exuberante, por onde passava um límpido e caudaloso Ribeirão Grande, decidiram os Maciotta comprar uma parcela de 970.000m², pela qual pagaram 20 contos de réis (contos equivaliam a milhões).

A edificação do moinho Fratelli Maciotta, basilar para a urbanização da cidade, remonta o período em que surgem os primeiros pavilhões industriais do estado de São Paulo. Suas características arquitetônicas, inacreditavelmente preservadas após 117 anos de transformações urbanas, são peculiares desse período “romântico” da industrialização paulista. Testemunho edificado da história, resume em si o arrojo de três imigrantes que construíram no meio de uma cidade embrionária, o seu primeiro prédio industrial.

Em termos arquitetônicos, o que se pode extrair da técnica construtiva são o seu sistema de travamento de tijolos, chamado de “aparelho flamengo”, constituído de fiadas de ½tijolo por dois inteiros com rejunte de um centímetro para o bom assentamento e firmeza. A argamassa de saibro, bastante arenosa, era feita de cal e areia grossa. A fundação, com cerca de dois metros de profundidade, é constituída de largos blocos de granito. Os pavimentos, as portas, esquadrias, caixilhos e assoalhos eram de madeira e a cobertura feita de telhas nacionais. Havia uma fornalha abaixo do nível térreo sobre a qual ficava um reservatório de água, que fazia parte do sistema de caldeira flamo-tubular e que, provavelmente encontra-se aterrada. O fumo desta caldeira era expelido pela chaminé, que adota o padrão das fábricas europeias. A moenda do trigo era feita por meio de seis cilindros completos – caldeira, cilindro, pistão e condensador. Além disso, faziam parte do complexo industrial um balcão para armazenar o frumento e farinha, uma pequena serraria, uma vila operária e a residência original dos Maciotta, que depois se mudaram para a rua Olímpia Catta Preta. Ao todo, foram investidas 500 mil libras italianas para o projeto, que formava uma área construída de 450m² (considerando apenas o moinho).

O negócio era o pão

No Brasil oitocentista, comia-se feijão, farinha de mandioca, milho, canjica, carnes salgadas e peixe. No lugar do pão, um alimento inacessível, eram comuns a broa de milho, a

polenta e o fubá. O pão passa a fazer parte da mesa brasileira com a vinda da Corte Portuguesa, fortalecendo-se gradualmente no Período Joanino e depois com a chegada de imigrantes portugueses e italianos. Até a metade da década de 1880, o pão era importado da Europa, Estados Unidos e eventualmente do Chile no período de entressafra, sendo posteriormente importado do Uruguai (Montevideu) e Argentina (Santa Fé). Essa situação só vai mudar em 1887 quando se inauguram no Rio de Janeiro as duas primeiras fábricas moageiras do país: o Moinho “Inglez” e o Fluminense, então autorizados pela Princesa Isabel. A província de São Paulo era ainda muito dependente da importação e revenda das farinhas fabricadas no Rio de Janeiro, o que tornava o custo do pão muito alto. Culturalmente, havia uma certa resistência à farinha nacional, pois há décadas a importada era sinônimo de qualidade. A grande vilã era a farinha falsificada, constantemente alardeada nos anúncios que vendiam a farinha original e frisavam sua qualidade. Os revendedores de farinha nacional, por sua vez, respondiam afirmando que o produto fabricado aqui era fresco e puro, com grande vantagem em relação à estrangeira.

De qualquer modo, o fabrico de farinha em solo nacional fez explodir a abertura de padarias na corte, sendo a maioria de propriedade de imigrantes portugueses. Naquele final de século, o consumo de pão já estava bastante disseminado e os Maciotta perceberam a importância desse negócio. Ao erguerem o moinho em Ribeirão Pires, levaram em consideração a localização, situada a 40 minutos de Santos e São Paulo e na beira da estrada de ferro, ideal para o escoamento da produção. Fabricavam a farinha Flórida, a partir do grano duro, uma espécie de trigo nobre, típico de Portugal e Itália, rico em cálcio, ferro e magnésio. Foi fundamental para o barateamento do pão e para o surgimento de panificadoras na região do grande ABC, capital e baixada santista.

A inovação tecnológica

Partindo da análise da planta baixa, das anotações de Federico Maciotta e do texto do leilão de sua propriedade, pode-se afirmar que o moinho Fratelli Maciotta inaugura em São Paulo, antes mesmo dos Matarazzo, a tecnologia da moagem por cilindro, criada em 1873 pelo engenheiro húngaro Andrew Mechwart. Um artigo de jornal da Austrália mostra que esse tipo de processo estava começando a se difundir pelo mundo industrializado e já era bastante utilizado na Europa. Tal sistema consistia na substituição da pedra para o cilindro metálico rotativo, com regulador de pressão. Vendidos pela austríaca Ganz & Co., havia dois modelos no mercado: o simples e o conjugado, ambos de ferro fundido, dotados de três polias com capacidade de 150 rotações por minuto, um tubo de alimentação e um purificador, (que separava o farelo da farinha, tornando-a mais limpa e fina). Como não havia eletricidade em Ribeirão Pires, a iluminação do prédio era gerada por um dínamo. Já as máquinas, eram movidas pela força de uma caldeira a vapor, localizada em um setor do prédio contíguo à chaminé.

O fim de uma jornada

O negócio dos Maciotta não ia bem. Em 1904, João Ugliengo se retira das obrigações do «Moinho de Ribeirão Pires «para fundar, em Santos, o Moinho Santista, como lembraram suas filhas, Nerina e Adelpha, em entrevista a um jornalista do Diário do Grande ABC:

Papai começou a vida no Brasil mantendo sociedade com os Maciotta. Ficou à frente do moinho até .1904 Em 1905, com o financiamento dos Pugliesi, acompanhou a fundação, no Litoral, da Companhia Moinho Santista, onde chegaria a presidente. Durante muitos anos trabalhou em Santos mas continuou a residir em Ribeirão Pires. (MEDICI, 1996).

Começam a surgir protestos na praça ,em 1906, por falta de pagamento a credores, entre eles o Brasilianische Bank für Deutschland. Quatro anos depois, o moinho é alugado para o Sr. Egydio Pinotti Gamba, proprietário da Gamba & Companhia pelo valor de 4\$000 (quatro mil reis mensais). Em 1914, Federico Maciotta volta a trabalhar como profissional liberal e retoma os anúncios no Estado de São Paulo:

Frederico (*sic*) Maciotta. Engenheiro Civil - Estradas de ferro e de rodagem, túneis, pontes metálicas, cimento armado, abastecimentos de água, esgotos e mais melhoramentos municipais, irrigações, forças hidráulicas, levantamentos taqueométricos, medições de precisão . Serviços, consultas, contratos. Atende a chamados. Residência: Ribeirão Pires (linha São Paulo-Santos). Informações na cidade com o Dr. João Dente, rua S. Bento, 23. (OESP, 1914).

Apesar das inúmeras tentativas, o moinho não estava gerando lucros suficientes para pagar os credores e a hipoteca da propriedade, razão pela qual em agosto de 1915, Federico, João Ugliengo e as viúvas de Anacleto e Ottavio acordam pela dissolução da firma, em vista da penhora dos bens executada pela Caixa Mútua de Pensões Vitalícias:

Climaco César de Oliveira, serventuário vitalício do ofício de terceiro escrivão cível e comércio da Capital de São Paulo. Certifico, revendo em cartório, os autos de dissolução de sociedade entre partes: Federico Maciotta e outros autores, Anacleto Maciotta, falecido, deles constam as peças seguintes: Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz de Direito da Primeira Vara Comercial, o Doutor Federico Maciotta, liquidante da firma Fratelli Maciotta & Companhia, vem expor e requerer o que segue: Primeiro) Que todos os bens formadores do ativo da firma liquidanda foram penhorados em executivo hipotecário promovido pelo juízo de Vossa Excelência contra a firma, para pagamento de avultada quantia superior a quatrocentos mil liras italianas, que a mesma firma devia em garantia de todo o seu ativo. Segundo) Que o ativo da firma liquidanda apenas é constituído pelo “Moinho de Ribeirão Pires”, prédios e terrenos anexos, bens estes todos compreendidos na garantia acima mencionada. Terceiro) Que, atendendo-se ao total do débito da firma liquidanda, é manifesto que os bens penhorados não chegam para solvê-lo, pelo que os sócios entenderam formar um acordo para por termo à liquidação. Quarto) Que o referido acordo consiste em receber o suplicante, na qualidade de liquidante, o ativo e assumir o encargo do

passivo da firma liquidanda, retirando-se os demais sócios, livres e desembaraçados de quaisquer encargos, dando-se todos recíprocas quitações e obrigando-se o liquidante ao pagamento do débito hipotecário ajuizado e as custas da presente liquidação, excluídas as já pagas por Giovanni Ugliengo e as vencidas, pelos advogados e procuradores judiciais deste. Quinto) Que os sócios sobreviventes da firma liquidanda e as viúvas dos sócios falecidos, por si e como tutoras de seus filhos menores, concordam todas com a firma de liquidação proposta, pelo que assinam a presente; entretanto, havendo menores interessandos, urge ouvir o Doutor curador especial nomeado para a presente liquidação e o Doutor Curador Geral de Órfãos, tomando-se, assim, por termo, o presente acordo na forma requerida e julgando-se por sentença o mesmo para que produza seus legais efeitos declarando-se por extinta a referida liquidação. Assim esperam receber Mercê. São Paulo, trez, Março, mil novecentos e treze. Doutor João Gonçalves Dente - Por si e como produtor de Sanza Achille e Fanny Maciotta, Giovanni Ugliengo, Eugenia Maciotta, Federico Maciotta (CARTÓRIO, 1915).

A 07 de outubro de 1916 realiza-se em São Paulo, pela Caixa Mútua de Pensões Vitalícias, uma hasta pública no valor de 120 contos de réis. Era o fim da sociedade Fratelli Maciotta & C. A convocatória para o leilão ,publicado no Estado de S. Paulo, em 5 de outubro, informa com detalhes a extensa propriedade da família, oferecendo ao mesmo tempo uma impressionante descrição do moinho:

O Dr. Manuel Polycarpo Moreira de Azevedo Júnior, juiz de direito da 3ª vara cível desta capital do Estado de S. Paulo, faz saber aos que o presente edital virem ou dele tiverem conhecimento que, o porteiro dos auditórios, João de Souza Dias Batalha, o quem suas vezes fizer, trará a público pregão de venda e arrematação, em primeira praça ,a quem mais der e maior preço oferecer sobre a avaliação respectiva, no dia 7 de Outubro próximo ,às trzes horas ,à porta do Fórum Cível ,à rua do tesouro, n. 2, os bens abaixo descritos, penhorados no executivo hipotecário que a Caixa Mútua de Pensões Vitalícias move ao dr. Federico Maciotta e sua mulher, e avaliados, englobadamente, pela quantida de 120:000\$000, a saber: quarenta alqueires de terras, dos quais parte em matas e capoeiras e outra em campo e em brejo, sendo que esta em menor parte, tendo ditas terras os seguintes limites: por um lado, dividem com a Estrada de Ferro da S. Paulo Railway Company até o Ribeirão Pires; por outro lado, seguindo o Ribeirão Pires até a confluência do Ribeirão Grande, e, daí em diante, dividem com terras de propriedade do major Catta Preta, até encontrar a estrada que vai no Lazareto, e, por fim, até mais ou menos ,à porteira da Ingleza, sendo tudo fechado com cercas de arame. Dentro dessas terras existem as seguintes propriedades: um grande edifício, onde se acha instalado o »Moinho de Ribeirão Pires ,«destinado à moagem de trigo, com seis cilindros completos, edifício este construído de alvenaria e tijolos, cal e areia e coberto com telhas nacionais, ocupando uma área aproximada de quatrocentos e cinquenta metros quadrados, sendo dividido em quatro corpos, três principais e um secundário, constituindo o primeiro corpo, que é de dois andares, num depósito de trigo e farinha; no segundo corpo, de três andares, estão assentes as máquinas e cilindros

próprios para a moagem de trigo; no terceiro corpo estão instalados os motores e um dínamo elétrico para a distribuição de luz em todo o edifício e no quarto corpo, finalmente, se encontram as respectivas caldeiras. O moinho compreende todos os maquinismos e acessórios, móveis e utensílios nele existentes. Junto aos mesmo edifício, há dois barracões de madeira, cobertos de telhas de zinco, e ocupando uma área de duzentos e oitenta metros quadrados, aproximadamente (OESP, 1916).

Os Maciotta eram notáveis engenheiros e empreendedores e em sua família havia também inventores. Ottavio, por exemplo, registrou, no ano de 1896, a patente 7.463, no Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas, o seu sistema próprio de prevenção de acidentes em estradas de ferro. Infelizmente esse espírito científico e busca pela inovação dos Maciotta foram vencidos pelo duro golpe das mortes de seus irmãos Ottavio e Anacleto e, logo em seguida, do leilão judicial de suas propriedades. Federico ainda sofreria no ano de 1914 outro intenso golpe com a morte de seu filho Guido Maciotta, com apenas nove anos. Sabe-se que, após esses acontecimentos, desistiu da vida de industrial e passou a viajar pelo mundo, até que finalmente retorna ao Brasil para viver em Campinas até 1930, ano em que faleceu. Seus restos mortais foram enviados para o Cemitério São José, em Ribeirão Pires, no jazigo onde repousam também sua esposa, filho e outros familiares. Federico deixou a esposa Antonietta Cremma e os filhos Marco, Pia, Orlando, Távola, Túlio e Yolanda. Ottavio deixou a esposa Marietta e o filho Júlio. Anacleto deixou a esposa Fanny Cremma e o filho Vittorio.

A importância histórica

Há registros de um moinho de trigo inaugurado em 1883 na cidade de Campinas, por uma sociedade de italianos, divulgado pelo jornal A Gazeta de Campinas. Contudo, é importante frisar que se trata de um moinho movido a vapor com potência de seis cavalos. No ano de 1887, noticia-se a inauguração, em julho e agosto, do Moinho Inglês e do Moinho Fluminense, respectivamente, no Rio de Janeiro. Em 1895, é inaugurado no município de Rio Grande (RS), o moinho Riograndense, que se tornaria, posteriormente, a Samrig. Em janeiro de 1898, o Moinho de Ribeirão Pires é projetado por Federico Maciotta e, em 1899, começa a funcionar sob a firma Fratelli Maciotta & C. No mesmo ano, Francesco Matarazzo projeta o Moinho Central, que será inaugurado a 15 de março de 1900. A inauguração do Moinho Santista S.A. (atual Bunge do Brasil), ocorre em 1905, operando a partir de 1908, com a participação de João Ugliengo, ex-sócio da Fratelli Maciotta entre 1899 e 1904. Em 1910, a empresa Grandes Moinhos Gamba e Grandes Indústrias Minetti inaugura sua unidade na região da Mooca, na capital de São Paulo.

Hoje, o Moinho de Ribeirão Pires figura como o quinto mais antigo do Brasil e o segundo de São Paulo, podendo até mesmo ser o primeiro exemplar remanescente, já que o de Campinas certamente foi demolido. Certeza mesmo é que o prédio preserva e ajuda a compreender a história da industrialização de Ribeirão Pires, do ABC e de São Paulo, bem como a formação das vilas no seu entorno a partir do século XIX, além portar valores afetivo, paisagístico, arqueológico e arquitetônico. Por essa razão, em agosto de 2015, o Centro de Apoio Técnico ao Patrimônio elaborou estudo para que o Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural e Natural protocolasse no Condephaat uma justificativa de tombamento com os seguintes argumentos:

a) O antigo moinho não é apenas um edifício ‘velho’, mas um conjunto arquitetônico cujo status de patrimônio histórico é inegável enquanto portador da memória que se confunde com a criação do Núcleo Colonial de Ribeirão Pires (1887), o surgimento da Estrada de Ferro, a própria imigração italiana no Brasil e o início da industrialização no Estado de São Paulo;

b) É patrimônio edificado e testemunho não escrito de um período da nossa história. No caso de Ribeirão Pires, a simples existência de sua arquitetura fabril remete a um período de grande efervescência produtiva em que a cidade buscava se viabilizar como polo industrial na região do Grande ABC, justificando, inclusive, as duas chaminés presentes no brasão oficial de armas do Município. Portanto, o conjunto em si sempre foi um testemunho histórico. Hoje, com mais de um século de existência, adquire contornos de monumentalidade e ancianidade, podendo, sem sombras de dúvida, ser considerado um sítio histórico;

c) O conjunto arquitetônico não porta apenas valor histórico, mas também paisagístico, uma vez que compõe a paisagem da nossa cidade, mesclando aspectos da vida operária à vida doméstica dos que aqui residem com a paisagem natural e o microclima serrano típico de Ribeirão Pires;

e) Faz-se também necessário considerar o valor afetivo do conjunto arquitetônico pela população, ainda mais quando é sabido que muitos moradores já trabalharam no local e os descendentes dos Maciotta moram na cidade, alguns exercendo o mesmo ofício de Federico;

f) A preservação do patrimônio material implica em preservar, ao mesmo tempo, o patrimônio cultural imaterial/intangível contido na memória da imigração italiana e na imensurável contribuição proporcionada pelo intercâmbio de conhecimentos entre os dois povos;

g) A demolição de elementos históricos torna a cidade anônima e sem referência ao seu próprio passado, configurando uma perda irreversível e irreparável;

Referências

ALENCASTRO, Luiz Felipe; RENAUX, Maria Luiza. **Caras e modos dos migrantes e imigrantes**. In: História da vida privada no Brasil – Império: a corte e a modernidade nacional. 2 v. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Cap. 6, p. 291-335.

FREITAS, Pedro M. G. **A história da cidade como instrumento de projeto e intervenção: o Núcleo Colonial de Ribeirão Pires, um estudo de caso**. Revista CPC, São Paulo, n. 6, p. 69-101, maio 2008/out. 2008.

IANNI, Octavio. **Aspectos políticos e econômicos da imigração italiana**. In: Imigração Italiana: estudo. Caxias do Sul, UCS-EST, 1979. p.11-2.

MEDICI, Ademir. **Vamos fazer tijolos**. Ribeirão Pires: s.n., 1996

MOAGEM DE TRIGO. **História da Moagem de Trigo**. Disponível em amoagemdetrigo.blogspot.com.br. Acessado em 01 mar 2016.

OESP. **Primeira praça**. São Paulo, 1916. p. 10.

_____. **Engenheiros**. São Paulo, 1914. p. 7.

REGNO D'ITALIA. **Privata scrittura**. Gênova: Acervo particular de Raul Maciotta, 1891.

SANTOS, Wanderley. **História de Ribeirão Pires**. Ribeirão Pires: Museu Histórico Municipal Família Pires, s.d. 68 p.

THE GLOBAL MILLER. **Openfield loads 25,000 tonnes of oilseed rape for Turkey**. Disponível em gfmt.blogspot.com.br/2015_02_01_archive.html. Acessado em 01 mar 2016.

MACIOTTA, Raul. **Acervo particular**. Ribeirão Pires: Museu Histórico Municipal Família Pires/Centro de Documentação Histórica - CDH.